

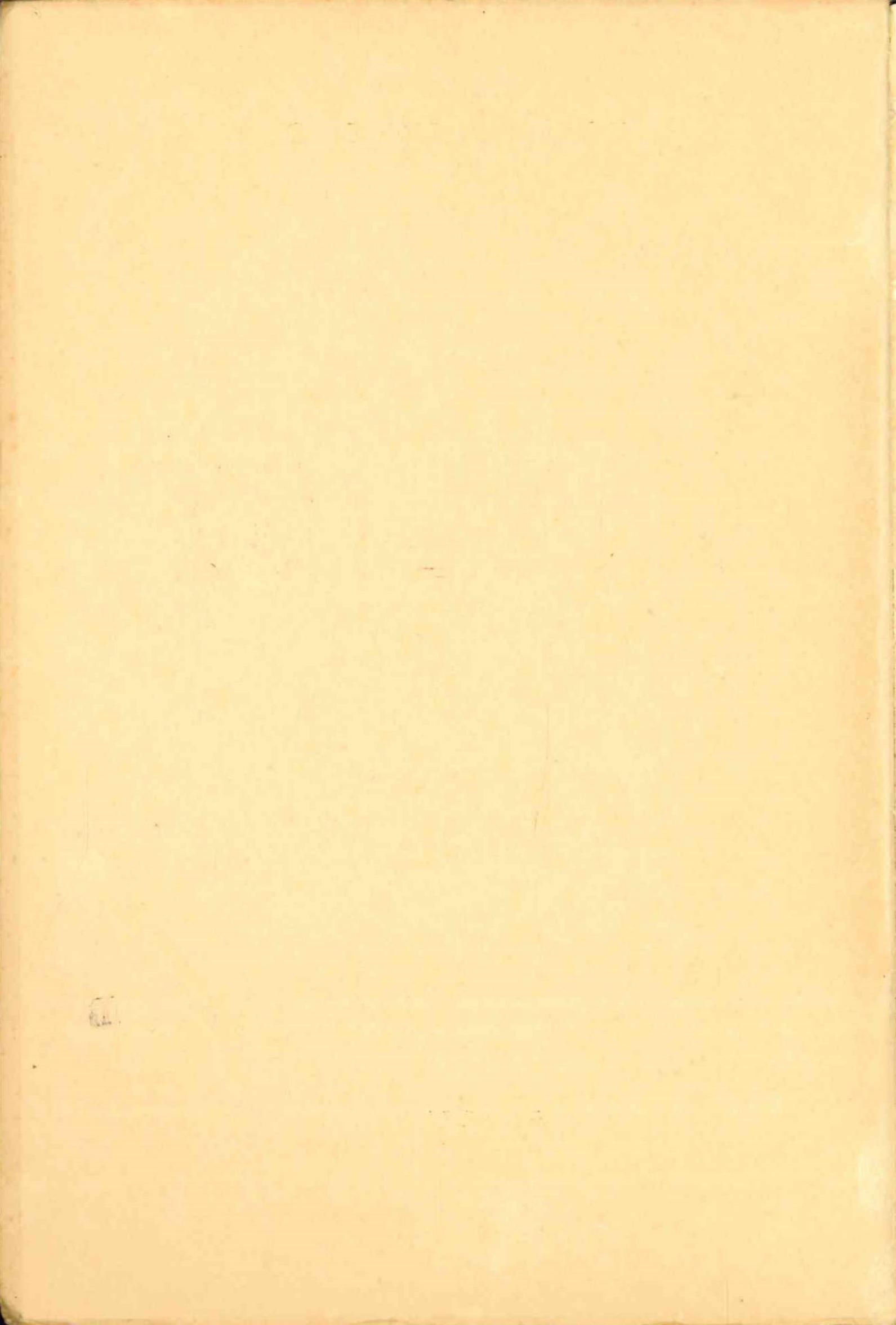
HORÁCIO PINHEIRO

# SONETOS



BARCELOS  
1971

134.3-1Pinheiro



HORÁCIO PINHEIRO

# SONETOS



BARCELOS  
1971

*Permu*

0455A

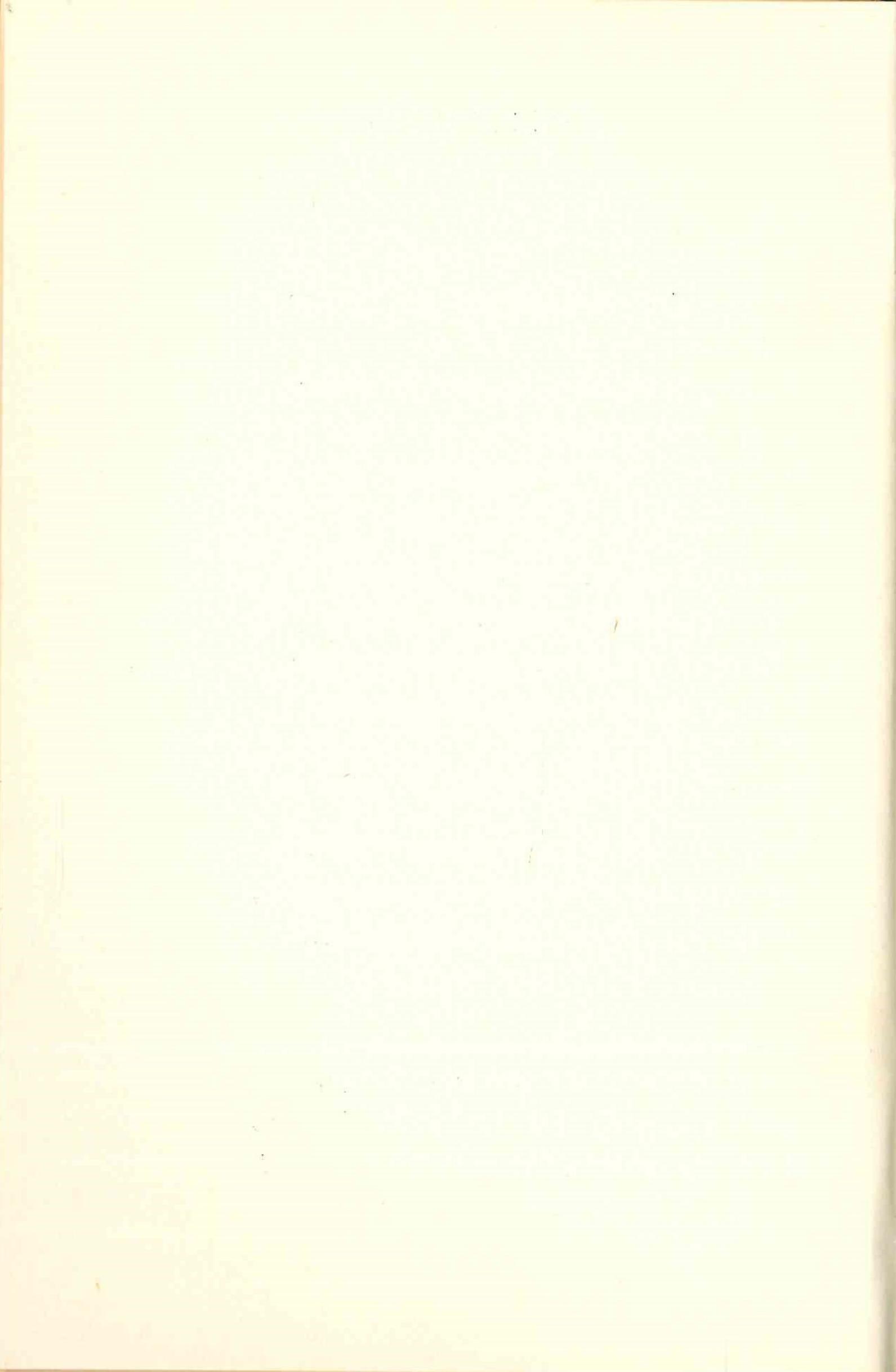
## P E R F I L

Reflexos dum sentir que permanece,  
Aqui modestos cantos reuni  
Humildemente, num sentir de prece,  
Só porque foram feitos para ti!

No sonho divinal que me enternece  
E no deslumbramento que senti,  
Reflectem o sonhar que não fenece  
E cores de paisagens que escolhi.

Cardos e rosas de caminhos vãos,  
Que sangram e perfumam nossas mãos,  
Um dia os concebi ao Sol-Poente...

Pobres embora de beleza e graça,  
Serão a nuvem que um tufão desfaça  
P'ra ressurgir no espaço novamente!



## A N O I T E C E N D O

É lindo o anoitecer na minha aldeia,  
Que vive ao som de cálidas cantigas  
De grupos divinais de raparigas  
Quando aparece ao longe a lua cheia!

Entre casais a estrada serpenteia,  
E eu vou lembrando as ilusões antigas...  
Pela campina curvam-se as espigas  
E o vento geme em vaga melopeia!

Desce da serra os gados o pastor;  
Em tudo há gestos líricos de amor,  
Em tudo agora há bençãos divinais

A adormecer em paz meu povoado  
Onde enterrei visões do meu passado,  
E não as quero recordar jamais.



## M A R E A N T E S

Quero ir convosco, ó velhos marinheiros,  
Em vossa nau por entre as tempestades,  
Ao fuzilar do raio em claridades  
Por entre o uivar dos ventos traiçoeiros.

Ao regressar seremos os primeiros  
Beijando a branca praia com saudades,  
Logo esquecendo as más adversidades  
Cantando nossa faina lisongeiros!

Eu não deixei ainda um só momento  
Vogar sòzinha a nau do sofrimento  
Que me há levado à flor de estranhos mares...

E quando volto, no auge da procela,  
Sempre me arrisco a perecer com ela  
Mas não receio o mal de mais pesares!



## RENASCIMENTO

Já venho de paisagens doloridas  
Lá pelo reino estranho em que vaguei  
De rosas lentamente fenecidas  
Ao sol estranho que jamais amei!

Em mim eu trago germes de outras vidas,  
Poeiras das estradas em que andei...  
Sangrando trago minhas mãos feridas  
Nos espinhos das rosas que busquei!

Sòmente agora há sol no meu caminho  
Que as tuas mãos enfeitam com carinho,  
E à luz do teu amor eu renasci!

Perdido, exausto, por estranha sorte,  
Eu pude triunfar vencendo a morte,  
E finalmente renascer em ti!



## ESFINGES

Petrificadas múmias majestosas  
Sobre o silêncio do deserto erguidas,  
Vós pretendeis eternizar as vidas  
De tantas existências duvidosas!

No morto olhar de esfinges tenebrosas  
Perpassam névoas densas escondidas,  
Quais rijos troncos de árvores despidas  
Por onde correm seivas vigorosas!

E tudo abrange a solidão da morte...  
Quanto lançou ao mundo a escura sorte  
Só vive no silêncio indefinido!

Nesta aridez da terra desolada  
Apenas vive a sombra desterrada  
De tudo quanto nela tem vivido!



## COMIGO

Maneira de sentir indiferente  
Me fez volver o olhar ao tempo morto;  
Nave que volta, enfim, a cada porto  
Em que singrara, ufana, antigamente...

Anacoreta exausto e sem conforto  
Que ao seu covil envia olhar clemente,  
Nuvem que tolda o sol de estio ardente,  
Gesto de asceta solitário, absorto!

Maneira de sentir que é tudo e nada,  
Nuvem de ocaso em raios de alvorada,  
Inverno em floração, azul sem fim

Que me seduz e enleva por momentos  
Até que deixo cantos e lamentos  
E volto-me a esconder dentro de mim!



## S U A V I D A D E

Oiço à tardinha cantos pelas eiras  
Em horas divinais e afortunadas;  
Vozes suaves, cantos de ceifeiras,  
Mais o chiar de carros nas estradas!

Ao perpassar em doidas revoadas  
As aves me fascinam tão ligeiras  
Ao chilrear no espaço, aventureiras,  
Expondo ao vento as asas desdobradas!

Horas de encantamento e de bonança  
Em que me envolve mística esperança  
E já pressinto um ar de solidão,

Que em breve, sobre a terra adormecida  
Há-de trazer mais paz e mais guarida  
Serenamente a cada coração!



## L O N G E V I D A D E

É uma benção de Deus chegar à idade  
Da mais suave e doce placidez  
Em que, tendo já longe a mocidade,  
Voltamos a crianças outra vez!

Ver o caminho andado com saudade,  
E em tudo achar a calma placidez  
Das coisas que esmorecem de verdade  
À luz da bela e calma sensatez!

Ver a findar, embora, nossos passos,  
O nosso corpo exangue de cansaços,  
Mas ser o exemplo doutros que começam

Pela escabrosa estrada desta vida  
Onde seremos bálsamo e guarida  
Àqueles que de nós nunca se esqueçam!



## V I S Õ E S

Visões do meu sentir, iluminadas  
Que além diviso, pleno de quebranto,  
A desfrutar a luz do vosso encanto  
E sedução sem par de bem-amadas!

No vago espaço perpassais, aladas,  
Em gestos divinais que eu amo tanto  
E sinto muita vez cheio de espanto  
Na imensidão das frias madrugadas!

Amigas vozes, seduções de um sonho...  
No vosso mundo ideal, pleno e risonho  
Não quero penetrar por um instante;

Sejais apenas para mim na vida  
A graça oculta sempre apetecida  
E a glória do meu sonho triunfante!



## O N E I V A

O rio Neiva passa vagaroso  
No vale ameno que lhe dá guarida,  
E junto dele os campos têm mais vida  
Nesse remanso calmo e bonançoso...

E quando o Sol desperta esplendoroso  
Pelas quebradas da montanha altiva,  
Desfaz-se logo a névoa fugitiva  
E o dia se apresenta radioso!

Paisagem divinal de encantamento,  
O rio, as aves, as mais lindas flores  
Não me sairão jamais do pensamento...

Neste recanto sem rival de amores  
Temos a paz sem par, o esquecimento,  
Suave lenitivo a tantas dores!



## IN ILLO TEMPORE

Eu vi as ruínas da lendária Ofir  
Onde palpavam minhas mãos idosas  
Vestígios de esculturas caprichosas,  
Estátuas colossais a derruir!

Nos areais dispersos de Quibir  
Vi perecer as ninfas sequiosas  
Que a rubra mão do Sol toucou de rosas  
Em sonhos tão suaves a florir!

Orei com fé nas velhas catedrais  
Por sobre aqueles túmulos sagrados  
À sombra caprichosa dos vitrais!...

E os meus informes sonhos torturados  
Morreram entre sombras ogivais  
Onde os levou sem pena a mão dos fados!



## O L I M A

Águas do Lima divinais e amenas  
Numa paisagem de mistérios feita,  
Aonde a branca lua se deleita  
Em noites de poesia tão serenas!

Terras do Lima, campos de verbenas,  
Visão de sonho que a tristeza enjeita...  
Onde nossa alma sempre insatisfeita  
Achou enfim remédio a tantas penas!

Terra de luz numa visão de sonho!  
Eu, pobre caminhante, aqui deponho  
A imensa gratidão do meu sentir...

Berço da graça e da beleza infinda,  
Quem te não viu não conheceu ainda  
A mais suave forma de sorrir!



## A M O R   Â   T E R R A

Amo os floridos campos ondulantes,  
A Terra-Mãe de flores pequeninas  
Onde nasceram rosas e boninas  
Na graça das colinas verdejantes!

Pelas sestras de Julho sufocantes  
A brisa sopra meiga e peregrina  
No dilatado seio da campina  
Por onde correm águas murmurantes!

Filho da Terra, eu muito amei sofrendo,  
E deste amor tão puro vou vivendo  
Sem corromper meu pobre coração...

Cantando ao pé das fontes sonoras  
Eu vi brotar as perfumadas rosas  
E as veigas inundarem-se de pão!



## S I N T R A

Deusa das solidões! A fresca serra  
Tranquilamente erguida sobre o Mar  
É o predilecto sonho do luar  
Que tanto enleio e suavidade encerra!

Andei buscando o encanto em toda a Terra  
Mas eis que tudo esqueço ao recordar  
A bela Sintra que jurei amar  
No majestoso encanto que descerra...

De ti se orgulha a Pátria lusitana,  
De ti que és sempre bela e quase humana  
Em teu painel de mística beleza!

E hás-de ser sempre, ó relicário de arte,  
A última saudade p'ra quem parte  
E deixa um dia a Terra portuguesa!



## A B A N D O N O

Árvore velhinha sacudida ao vento,  
Que foste um dia toda em flores e ninhos  
A mais suave graça dos caminhos  
E a tanto mal trouxeste o esquecimento;

Ninguém diria ao ver os teus carinhos  
E a tua sombra, doce encantamento,  
Que poderia ver-te num lamento  
Abandonada até dos passarinhos!

Agora, quando passo pela estrada  
Sòzinho e triste em minha caminhada  
Na senda amarga deste rumo incerto,

Olho teus braços nus ao céu erguidos  
Na mesma angústia funda e sem gemidos  
Que não me deixa o coração liberto!



## P O M P E I A

Levanto o véu de cinzas que se estende  
Sobre os contornos da cidade morta  
Como quem sente o drama e o compreende  
Daquela deusa que diviso absorta!

Mirrada mão que algum luzeiro acende,  
Passos vedados no transpor da porta...  
Modos suspensos que ninguém entende,  
Grito abafado que a ninguém importa!

Dramático instantâneo de um delírio  
Que foi prazer pagão e foi martírio  
E agora é vago espectro que vagueia

Num mar de ruínas, numa sorte estranha,  
Que o decorrer dos tempos acompanha  
Eternizando o drama de Pompeia!



## SENHORA NOITE

Senhora noite, como vens mansinho...  
Senhora noite, como vens calada,  
Tornando mais suave o meu caminho  
Até que volte, após, outra alvorada!

Fecha-me os olhos sempre com carinho,  
Meus olhos que já foram da alvorada,  
Que vinha ver-me de manhã cedinho  
E que era para mim a iluminada!

Repoiso a fronte exausta no teu seio  
Com ansiedade, neste meu receio  
De que não voltes a trazer-me a Paz...

Mais nada vejo agora que me encante,  
E quando chegas é o mais doce instante,  
Que nesta vida tanto bem me faz!



## N O T E U R E G R E S S O

Hás-de voltar ainda certamente  
A atravessar saudosa o Reno Azul,  
E após saudar as regiões do Sul  
Cheias de brilho e graça eternamente,

Ver o teu doce lago reluzento  
Que há-de adorar decerto o vulto exul...  
Acarinhar as flores do paul  
Duma maneira linda e comovente!

Hás-de voltar de novo, assim o creio  
Embora o coração num doce enleio  
A recordar saudades aqui fique...

Pois já não sabes bem ao que parece  
Que terra mais te encanta e te enternece  
Quando amas esta e pensas em Munique!



## O L H A R P E R D I D O

Sobre a estranha paisagem desta vida  
O meu olhar ansioso se poisou,  
E nunca mais de novo se encontrou  
Na estrada tantas vezes percorrida!

Levou toda a distância de vencida  
Em busca das paisagens que sonhou...  
E no caminho novo que rasgou  
Achou enfim a senda apetecida!

Vagando pelos campos, pelos montes,  
Pelos pinhais esguios, pelas fontes,  
Vai sem destino, sem parar jamais...

Olhar de monge solitário e augusto,  
Impenetrável no caminho adusto,  
Sem se deter sequer uma vez mais!



## A VOZ DA SAUDADE

A saudade chegou devagarinho  
Mesmo à tardinha, a hora da tristeza;  
Veio sentar-se ao pé da minha mesa  
A conversar comigo de mansinho...

Falou-me do passado com carinho,  
Do grande amor que tive à natureza,  
E dos rumos de pranto e de incerteza  
Nesta vida de errante peregrino!

Depois se retirou silenciosa,  
E eu fiquei só pensando no destino  
De ter sempre o passado na lembrança...

O extinto aroma da primeira rosa,  
O som desfeito do primeiro hino,  
E o sonho azul dos tempos de criança!



## S U A V E M E N T E ...

Surgiste em minha vida como a flor  
Que a Primavera vinha anunciar  
Iniciando um sonho só de amor,  
Sonho de estrelas feito em pleno Mar!

Naquele dia a horas do Sol-Pôr  
E ao ritmo embalador do meu sonhar,  
Cenário divinal e multicolor  
Me fez de encantamento extasiar!

Surgiste em minha vida com doçura,  
Simplicidade, encanto e com ternura,  
— Promessa de beleza e de saudade...

Foste, depois da noite a luz fecunda,  
Maravilhosa e bela que me inunda,  
Foste da aurora a doce claridade!



## O U T O N A L

Paisagem outonal da minha vida  
Tão cheia de crepúsculos cinzentos,  
Onde o esplendor da luz não tem guarida  
E em que recorda divinais momentos.

Paisagem vã de muros pardacentos  
Nesta monotonia repetida...  
Painéis de ocaso extáticos, sangrentos,  
— Esboço de existência mal vivida!

Caminhos de mistério e de saudade  
Aos quais enfeita a flor do meu enleio,  
Que germinou em ténue claridade...

Nesta paisagem sigo posto ao meio,  
Trilha feita de sonho e realidade,  
— És a um só tempo meu terror e anseio!



## TRANQUILIDADE

Amo esta calma, este prazer sem par  
Das minhas horas vãs, silenciosas;  
Horas que passam doces, vagarosas,  
No ritmo embalador do meu sonhar!

Indiferente ao mundo, à voz do Mar,  
Buscando inspirações religiosas  
No meu refúgio de luar e rosas  
Que têm segredos para me embalar.

Não é buscada em glória deste mundo  
A doce paz que em meu sonhar profundo  
Me põe nos olhos brilhos de alvorada,

E faz esta renúncia apetecida  
Ao ver que fomos tudo nesta vida  
E que hoje... ah! que hoje, enfim, não somos nada.



## T A R D E   E M   A T E N A S

Um céu azul seguia nossos passos  
Na tarde calma a horas de Poente,  
E um sonho melancólico e dolente  
Trazias a surgir nos olhos baços.

Último sol raiava nos espaços  
E a multidão impávida e fremente  
Regurgitava em passos de demente  
Por rumos de mistérios esparsos.

E quando o olhar da Acrópole lançamos  
Pelos caminhos áridos que andamos  
No mesmo anseio presos por momentos,

Serenamente a sombra do Passado  
Impávida emergia a nosso lado  
Em sugestões de glórias e lamentos!



## L Í R I C A S

Eu gosto das paisagens luminosas  
De igrejas e castelos medievais,  
Das serras azuladas e alterosas  
E os místicos trinados matinais!

Das vozes que se perdem vaporosas  
Na placidez das sextas estivais...  
Do marulhar de fonte sonoras,  
O doce encanto que eu adoro mais!

Gosto das coisas simples, sossegadas,  
De tudo aquilo que é distante e vago,  
De tudo aquilo em que o mistério existe

Que são as coisas sãs, iluminadas,  
De onde me vem a bênção de um afago,  
Sublime encanto a que minh'alma assiste!

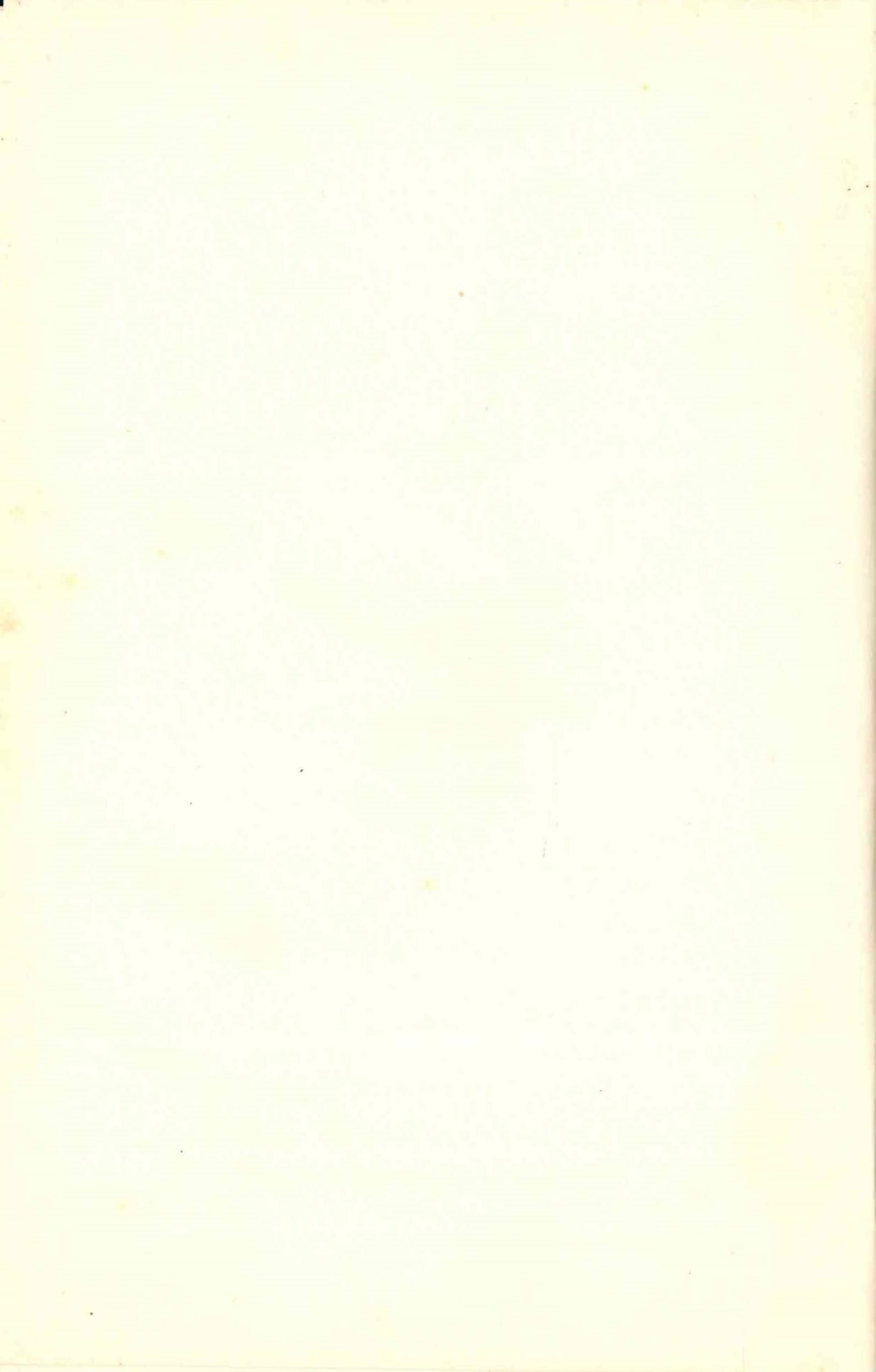


COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS  
GRÁFICAS DA COMPANHIA EDITORA  
— DO MINHO-BARCELOS —











biblioteca  
municipal  
barcelos



47240

Sonetos